

## MENSAGEM DO DIRETOR

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso?

Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*

Estimada Comunidade Educativa,

Paz e Alegria no Senhor!

Estamos iniciando mais um ano civil e, com ele, certamente, muitos planos e desejos, sonhos e vontades. Por isso, a consciência de sermos criados por Deus e destinados, desde sempre, à liberdade e à misericórdia, pode ajudar-nos a colocar nossa vida em perspectiva para vivermos bem este tempo novo de projetos e de ações.

Na espiritualidade inaciana, o *Magis*, atitude de liberdade interior e total abertura à vontade de Deus, nasce como uma interpelação genuína de quem, tendo conhecido intimamente o Menino Jesus, ora recém-nascido, encontrará, no Filho do Homem, um companheiro de caminhada e, na radicalidade (raiz) do seguimento a Ele, a realização de seu Princípio e Fundamento. É, pois, diante d'Ele que nos reconhecemos e sabemos quem somos, sentindo-nos chamados a superar-nos, a desafiar-nos, mas também a esvaziar-nos, para mais amar e servir melhor.

Assim, o *Magis* inaciano, embora parta do dinamismo natural que leva o ser humano a uma atitude de busca permanente, somente se realiza num modo de sentir e proceder orientado pelo desejo de seguir a Jesus de Nazaré. Por isso mesmo, nos Exercícios Espirituais, a pessoa, tendo rezado o seu Princípio e Fundamento e desejado responder ao grande amor de Deus, é convidada a contemplar os mistérios da vida de Cristo.

É n'Ele que poderemos descobrir um modo de descentrar-nos de nosso próprio querer, amor e interesse (EE 189). Cada um pense que tanto aproveitará em todas as coisas espirituais quanto sair de seu próprio amor, do seu próprio querer e do seu próprio interesse. Essa tarefa não é simples nem fácil. Pode ser o empenho de toda uma vida...

Nessa perspectiva, nos Exercícios Espirituais, a experiência profunda de liberdade do ser humano deriva da identificação com o Cristo, que se dá na medida em que nos propomos a conhecê-Lo intimamente, contemplando sua vida, seu modo de ser e sua paixão pelo Reino. Quando o exercitante se identifica com Jesus e com seu Reino e, pela graça de Deus, dá novo modo e ordem à sua vida, experimenta-se reconfigurado e faz-se disponível e livre para a Missão.

A imagem de Jesus que se impõe pela leitura e contemplação do Evangelho é a de um homem livre. Tendo Deus como absoluto, todas as outras coisas, sejam elas leis ou posições sociais, tornam-se relativas para Ele. Jesus assume a liberdade, assim como cada um de nós é convidado a assumir: como resposta a um chamado de Deus. Acolhendo a liberdade como a condição humana desejada por Deus para que Ele possa ser conhecido pela pessoa livre, ou seja, por um sujeito autêntico, apto ao diálogo e a estabelecer relações de aliança.

Se hoje se fala muito em liberdade, é preciso olhar para Jesus, para conhecer que a liberdade é o que Deus deseja para cada ser humano. Veremos que não se trata apenas da liberdade como autodeterminação do sujeito, a liberdade de fazer o que se quer, o chamado livre-arbítrio. Mas que se trata de uma abertura a Deus e de uma confiança plena em Seu amor, que nos leva a escolher apenas “o que mais nos conduz ao fim para que fomos criados” (EE 23). Não se trata de fazer isso ou aquilo, mas de viver disponível para responder ao grande chamado do amor de Deus.



O estado espiritual atual das pessoas revela uma busca pelo divino. Em vários casos, essa procura confunde ou se harmoniza na busca pelo sentido da vida, que move muitas pessoas a diversas experiências, que podem ser positivas ou negativas. Por isso, encontramos em Jesus um modelo de uma pessoa livre, ou melhor, n'Ele encontramos um sentido que dá sentido à nossa vida. Mas qual foi o segredo para que Ele vivesse como viveu, com tanta liberdade, com tanta audácia, com tanta novidade, com tanta ternura, com tanto amor? Sem dúvida, foi a experiência interna da presença de Deus em sua vida, em seu cotidiano. Ele não estava só, mas na companhia de Deus, ou melhor, Deus estava em sua companhia.

Quando nós olhamos para a pessoa de Jesus, somos afetados por seu modo de proceder que contagiou o mundo e que ainda nos contagia. É uma experiência que impulsiona o ser humano a ser mais. E o Papa Francisco tem sido um profeta da esperança para o mundo, convidando-nos a viver este ano de 2025 como “Peregrinos da Esperança”, tema do Jubileu que acaba de ser aberto em Roma e em nossas dioceses mundo afora. Com suas atitudes simples, porém marcantes e profundas, o Sumo Pontífice tem mostrado um caminho para a Igreja e para as pessoas. Com ele, vimos aprendendo que a liberdade de Jesus desperta em nós uma paixão pelo mundo, pelo ser humano e por Deus. Um amor que se transforma em obras, um amor que se comunica com a Criação e com Deus, um coração desejoso de amar e de ser amado, um desejo de proceder como Jesus.

Consequentemente, reconhecemos que, em Jesus, a liberdade é dom do Espírito, que move a pessoa a uma nova conduta, não por medo, mas por amor a Deus. É Jesus, como homem livre, a referência da liberdade, que queremos alcançar, ao mesmo tempo em que Ele mesmo é a nossa liberdade. Ele convida-nos a amar. Mas a quem amar?

Nesse sentido, Santo Alberto Hurtado, santo jesuíta chileno do século XX, em seus escritos (cf. “Um fogo que acende outros fogos”, 2005, p. 29-31), ajuda-nos a ponderar bem nossas forças e a agradecer por tanto bem recebido ao longo do ano de 2024, quando celebramos neste finalzinho: o rito de passagem do 8º Ano, o encerramento das turminhas do Infantil, as cerimônias de entrega de medalhas das nossas olimpíadas de conhecimento, as celebrações de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Por essa razão, se quisermos colocar toda nossa vida em prospecção para este novo tempo, ele nos diz:

A todos os meus irmãos de humanidade, alegre-me com suas alegrias. Devo começar por trazer de novo a meu espírito todos aqueles que encontrei em meu caminho: aqueles de quem recebi a vida, que me deram a luz e o pão. Aqueles com os quais partilhei o teto e o pão. Os que conheci em meu bairro, em meu colégio, em meus anos de estudo, em meu apostolado... aqueles a quem combati, a quem causei dor, amargura, dano... todos aqueles a quem socorri, ajudei, tirei de um apuro... os que me contradisseram ou me desprezaram ou me fizeram dano. Aqueles que vi nos cortiços, nos barracos, debaixo das pontes. Todos estes cuja desgraça pude adivinhar, vislumbrar sua inquietude... encerrá -los em meu coração, todos de uma vez. Cada um em seu lugar, porque, naturalmente, há lugares diferentes no coração do homem. Ser plenamente consciente de meu imenso tesouro, e, com um oferecimento vigoroso, oferecê-los a Deus. Fazer em Cristo a unidade de meus amores. Tudo isso em mim como uma oferenda, como um dom que arrebenta o peito; um movimento de Cristo em meu interior que desperta e aviva minha caridade; um movimento da humanidade, por mim, para Cristo .

Finalizando, portanto, este breve exame espiritual, às portas deste Ano Novo, podemos nos perguntar: o que levo em meu coração? O que, de fato, necessito conservar dentro do peito para viver bem este tempo que se inicia? O que me afeta e, de algum modo, me determina diante da vida e dos acontecimentos, colocando em jogo a minha liberdade diante de meus desejos? O que pode condicionar minhas respostas? O que quero e desejo viver concretamente em 2025?

Que Deus possa nos inspirar em todos os nossos bons propósitos, sendo o Artífice de todo bem e tanta graça. Que Maria, a Senhora da Estrada, nos acompanhe! Santo Inácio de Loyola, rogai por nós!



Pe. André Araújo, SJ  
Diretor-Geral